



EDITORIAL

MAIS UMA PORTA QUE SE ABRE

Mais um ano escolar se iniciou. Para muitas crianças, foi pela primeira vez que entraram naquele edifício, onde terão de "trabalhar", "deixar de brincar", como até aí. Para as que tiveram a oportunidade de frequentar o jardim de infância, muito do que ali se vai passar já não será novidade.

Na escola procura-se ensinar a: ler, escrever e contar; ser capaz de comunicar e cooperar com os outros; adquirir hábitos de trabalho regular; aprender a aprender.

A escola tem por missão preparar os alunos para a vida de adultos, para o mundo onde vão viver (sendo um lugar de cidadania); promover, acolher e valorizar todos os alunos fomentando o êxito, respeitando as diferenças de cada um, sendo um instrumento da "educação para todos", em interligação com a família e a comunidade.

A escola também pode ser um elemento essencial para combater a pobreza e as desigualdades, lutando contra o insucesso escolar (que prefigura o insucesso no mercado de trabalho); um meio de detectar e combater comportamentos desviantes, prevenindo situações de risco.

Esperemos que todas as crianças possam encontrar esta escola ideal, segura, um espaço "securizante", onde se favoreçam as aprendizagens, não só cognitivas, mas também afectivas, se respeitem as necessidades de cada criança e se desenvolva o desejo de aprender.

CLARA CASTILHO

O CENTRO DE
SAÚDE DA AJUDA,
O IAC
E A COMUNIDADE P. 2

IAC CELEBRA
PROTOCOLOS P. 3

CONGRESSOS
JUVENIS
MEMÓRIA DE
MARIA DA LUZ
DE DEUS P. 4/5

O CENTRO DE SAÚDE DA AJUDA E O IAC/ALC

HELDER MORAIS PINTO*

No conjunto de todas as acções que têm vindo a ser desenvolvidas, pretendendo um maior diálogo com a comunidade, assume particular importância o estabelecimento de parcerias com as instituições vivas da comunidade — Junta de Freguesia, Instituto de Apoio à Criança, associações, IPSS, Centro de Saúde e outros —, cujo trabalho na comunidade os torna parceiros ideais, ao tentar melhorar os níveis de saúde da população. Neste âmbito não deve ser descurado o papel do voluntariado, sem grandes tradições no nosso país, mas que tem vindo a pouco e pouco a criar raízes e em alguns locais já a dar frutos.

O IAC tem vindo a desenvolver acções na comunidade, algumas

delas integradas no projecto “Crescer em Comunidade”, implementado sob a égide do programa “Ser Criança”, do Ministério do Trabalho e da Solidariedade. É entidade promotora deste projecto a Junta de Freguesia da Ajuda. Integrada neste projecto, tem vindo a ser efectuada uma consulta/assessoria no âmbito da Psicologia, deslocando-se ao Centro de Saúde uma especialista nesta área.

Têm tido um papel de relevo as actividades desenvolvidas pelos voluntários, quer nas zonas de intervenção em actividades de campo, quer no Centro de Saúde, onde os voluntários têm desenvolvido as actividades na área da Pediatria/Saúde Infantil. As salas de espera da consulta foram dotadas de meios de humanização, sendo

frequente a presença de elementos que colaboram no apoio às crianças que ocorrem à consulta. Foi ainda imprescindível a colaboração dos voluntários no preenchimento dos inquéritos dirigidos à população utilizadora no Centro de Saúde.

Iniciativas destas deverão ser incentivadas, porque, dada a dispersão e a dimensão das áreas abrangidas pela saúde, sem o apoio de grupos de boa vontade e sem o estabelecimento de laços de parceria entre estes e as instituições, não será possível a obtenção de resultados satisfatórios.

* Director do Centro de Saúde da Ajuda até Junho de 2000.

ACÇÕES DE LIGAÇÃO À COMUNIDADE

As Acções de Ligação à Comunidade, desde 1993, desenvolvem uma acção continuada e persistente com diversas instituições e serviços da comunidade, procurando dinamizar e apoiar a construção de trabalho em rede, com o objectivo de gerar uma dinâmica de responsabilização interinstitucional que atenda as problemáticas e necessidades reais.

No trabalho conjunto desenvolvido no Centro de Saúde da Ajuda, com o apoio do voluntariado jovem, importa realçar: o levantamento, verificação e actualização de dados referentes às crianças registadas no Centro nascidas em 1981; a actualização dos ficheiros das crianças nascidas entre 1983 e 1985, para o que foram realizadas visitas porta a porta às residências, para se averiguar a percentagem das que estavam vacinadas; a informação prestada sobre vacinas,

sensibilizando as pessoas, nomeadamente para a importância da hepatite B (dos 11 aos 13 anos) contra o vírus; o apoio à vacinação dos jovens contra a hepatite B; o apoio à realização de rastreios em escolas básicas da freguesia da Ajuda, na área de saúde oral.

No mesmo âmbito de trabalho conjunto estão: a divulgação da Carta da Criança Hospitalizada; a dinamização e humanização do espaço da sala de espera de consulta de saúde infantil; a elaboração, em colaboração com a equipa de saúde infantil do Centro de Saúde, do desdobrável informativo “Os primeiros anos marcam sempre...”, que tem vindo a ser entregue às famílias, bem como a divulgação do poster sobre os Direitos da Criança.

MARIA JOÃO MALHO
E FERNANDO CARVALHO



BOLETIM DO IAC
N.º 57
JULHO/SETEMBRO
2000
director
Márcia Rosa Araújo
editores
Clara Castro
Cristina Felício
conselho editorial
Coordenadores do Serviço do IAC
colaboradores
Alexandra Proença
Ana Rita Martins
Emílio Salgueiro
Fernando Carvalho
Helder Moraes Pinto
Maria João Malho
Patrícia Viqueco
Rita Almeida
Teresa Vasconcelos
edição
Instituto de Apoio à Criança
Largo da Memória, 14
1349-045 Lisboa
concepção gráfica e produção
Joana Imaginário
fotolito e impressão
Etigráfico
deposito legal
N.º 74 186/94
tiagem
3000 ex.

VOLUNTARIADO JOVEM

ALEXANDRA PIRES E RITA ALMEIDA*

O nosso projecto de voluntariado na sala de espera de consulta infantil do Centro de Saúde da Ajuda teve início em Março de 1999. Diversas foram as razões que nos levaram a escolher este local. Era uma ideia inovadora, já que a maioria do voluntariado incide nas escolas; por outro lado, achámos muito importante dinamizar e humanizar um espaço que, à partida, deveria ser acolhedor, colorido e simpático para crianças; e, por último, por se tratar de um projecto que iniciariamos de raiz, o que constituía, para nós, um desafio.

Do primeiro contacto que tivemos com a sala de consulta infantil ficou-nos a ideia de um espaço bastante amplo, mas também vazio, desumanizado, reclamando a atenção de alguém que lhe pudesse dar alguma vida.

Imediatamente nos surgiram diversas ideias que, felizmente, puderam ser pouco a pouco, postas em prática, tais como a passagem de vídeos informativos para os pais sobre os cuidados a ter com o bebé; o desenvolvimento de actividades com as crianças, como desenhos, leitura de histórias, brincadeiras; a elaboração de um folheto

informativo; decoração do espaço com cartazes e outros acessórios, entre os quais brinquedos solicitados a uma empresa.

Todas as actividades, já realizadas ou a realizar, pretendem responder aos principais objectivos da nossa intervenção, particularmente a desmitificação do medo que anda à volta da ida às consultas e vacinação, bem como o estabelecimento de uma continuidade entre o dia-a-dia da criança e o do Centro de Saúde, que pode constituir um momento didáctico e de diversão, sem esquecer a sensibilização dos pais para a importância da sua participação nas brincadeiras dos seus filhos.

OBSERVAÇÃO I. COMENTÁRIOS DAS FAMÍLIAS

Uma mãe de etnia cigana perguntou-nos se estávamos lá todos os dias. Informámo-la que só vamos ao Centro às quintas-feiras. Uma mãe sentou-se na mesinha onde estão os livros e o material didáctico com o filho e começou a ler-lhe histórias, a fazer desenhos com ele e a explicar-lhe o que se passava



no filme dos bebés. Uma outra mãe disse até à filha que iriam programar as consultas para as quintas-feiras.

De um modo geral, temos visto bastante entusiasmo por parte dos pais quando vêem que há jogos, diversões, livros para os filhos se entreterem; muitos deles juntam-se ao pé de nós e dos filhos e, por vezes, comentam que a sala nem parece a mesma. Nenhum dos pais até hoje se incomodou com a nossa presença ou levantou qualquer problema relativamente à nossa interacção com os filhos. Pelo contrário, incitam-nos a aproximarmos de nós e a brincarem com os livros e jogos de que dispõem na mesa.

* Voluntárias, estudantes de Psicologia

IAC CELEBRA PROTOCOLOS COM ISSSL E IPJ

O Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa (ISSSL), instituição de ensino superior particular e cooperativo vocacionada para o ensino e investigação em projectos de intervenção social, e o IAC, enquanto estrutura a que incumbe, nos termos dos seus estatutos, prosseguir a defesa e promoção dos direitos da criança, visando o seu desenvolvimento integral, celebraram, no dia 1 de Junho de 2000, um protocolo de cooperação.

São actividades resultantes deste protocolo: 1) Estabelecer anualmente acordos para a realização de estágios de intervenção social, nomeadamente nos serviços SOS-Criança, Projecto Rua, Centro de Do-

documentação, Actividade Lúdica; 2) Colaborar noutros domínios de interesse comum, designadamente na área de formação de profissionais; 3) Assegurar a permuta de documentação e informação.

IPJ APOIA PROJECTOS

"(...) No quadro de desenvolvimento do apoio aos jovens e na prossecução da política de juventude superiormente definida — considerando que o IAC promove um conjunto de actividades dirigidas a jovens, fundamentalmente, desfavorecidos, no âmbito de projectos conhecidos; considerando que os projectos Trabalho com Crianças de Rua — Em Família para Crescer e SOS-Criança têm sido

dois instrumentos importantes de apoio a jovens em situação de exclusão e de interlocução e acompanhamento (...) é celebrado, entre o Instituto Português de Juventude (IPJ) e o IAC, um protocolo de colaboração (...)"

Nas cláusulas que regulam este protocolo é estabelecido o financiamento dos projectos Trabalho com Crianças de Rua e SOS-Criança, "proporcionando mais e melhores oportunidades para os jovens, através de um apoio efectivo contra a exclusão". O valor do financiamento é de 14.310.000\$00 no decurso do ano 2000.

O protocolo foi assinado em 30 de Maio e é válido até 31 de Dezembro de 2000.

AS CRIANÇAS GOSTAM DE R

A propósito da 1ª e do 2º Congresso Juvenil, organizados em 1994 e 1998, Maria de Luz de Deus, presidente da Associação dos Jardins-Escola João de Deus — onde desempenhou importante papel, nomeadamente na formação de muitos dos primeiros profissionais de educação de infância —, divulgou, em entrevista concedida no dia 17 de Novembro de 1998, de que reproduzimos aqui excertos, algumas das suas ideias sobre a aprendizagem das crianças e o seu papel no mundo, ponderando sobre o papel da escola, dos professores e dos pais.

A ideia do 1º Congresso Juvenil surgiu, em primeiro lugar, da necessidade de dar às crianças uma situação de aprendizagem para além da sala de aula. Foi este o ponto de partida, junto do empenho de dar voz aos mais novos. Dar condições diferentes, onde pudessem ter um tempo para reflectir. Depois, pensei que seria favorável dar-lhes a responsabilidade de intervirem no mundo, que é, afinal, o mundo que vai ser vivido por elas, e surpreendeu-me essa experiência.

As crianças gostam de reflectir, de viver as situações, e quando responsabilizadas são capazes de nos surpreender pela maneira como respondem às nossas interrogações. Outra coisa que me surpreendeu foi que elas queriam realizar congressos só com palavras. Propuseram teatro e fizeram elas próprias teatro, propuseram cinema, claro que rudimentar e fizeram-no; procuraram exprimir-se por dança. Usaram muitas formas de comunicação. Deram uma resposta que, de facto, foi bastante completa. O pior que podia haver neste congresso era se nós fizéssemos uma mistificação e preparássemos as coisas para que as crianças fossem actores das nossas ideias, assim este congresso seria um congresso de crianças, mas não feito por crianças.

O projecto foi em grande parte das crianças, a que os adultos apenas deram o apoio necessário para a sua realização. Com um tema bastante vasto, expressivo em si: "O mundo onde queremos viver", cada um pensando naquele mundo onde gostaria de viver, projectando uma grande parte dos seus anseios e daquilo que gostaria de ver modificado no mundo.

Com um ano de diferença, realizaram-se o 1º e o 2º Congresso Juvenil. Mas entre o 1º e o 2º demorámos algum tempo. E sentimos dificuldades muito maiores, não da parte das crianças, mas dos adultos — um desinteresse, um individualismo inibidor.

O 1º teve muito mais riqueza. Vieram as escolas de Santarém e os pais da Federação Regional de Lisboa das Associações de Pais, uniram-se e trouxeram escolas oficiais de Lisboa. Da segunda vez os adultos falharam, porque vivemos uma época de individualismo, de comodismo e que se sente que está a tomar raízes profundas. Este termo, individualismo, ouvi-o num congresso bem explicado e senti que está a ser verdadeiramente assim. Hoje, pensa-se muito no dinheiro que se ganha, no lucro que se vai tirar das coisas. E isto não dá lucro a ninguém...

São as crianças que acabam por lucrar com o congresso. Mas os adultos vão, por reflexo, também ganhar alguma coisa, até na melhoria do ambiente que os cerca.

As pessoas interessam-se pouco pelos trabalhos das crianças porque eles não lhes dão dinheiro, não favorecem o seu individualismo.

Neste princípio de milénio, com violência, guerra e assaltos, acho que não podemos cruzar os braços. A luta é muito grande, porque é uma luta perante a indiferença de muita gente. Mas ainda há pessoas que se preocupam. Nós

trabalhámos muito bem com o IAC, foi agradável, penso que foi útil para todos. O congresso é das crianças, temos de lhes dar responsabilidades. A ocasião, a situação terá valor se for realmente vivida, de forma plena, pelas crianças, com as quais nós temos de aprender.

O MUNDO EM QUE QUEREMOS VIVER

"O Mundo em que Queremos Viver" não é bem um tema. É um anseio: chegarmos a um mundo que satisfaça, que nunca pode ser perfeito, mas que satisfaça mais. Mas isso é o mundo onde queremos viver, em que haja a resolução dos problemas para todos. Só elas podem ajudar a vencer as injustiças e as assimetrias que elas sentem tão profundamente. Nós demos-lhes alguns temas preparatórios em que elas puderam pensar e escrever; como é a família em que gostariam de viver, como é o médico que gostariam que as tratasse, como é a cidade em que gostariam de viver. Fizemos-lhes algumas perguntas sobre o que seria para elas um mundo melhor.

Eu penso e sou a favor da ideia de que não se formalize muito, e nos primeiros trabalhos falou-se muito pouco e depressa. Não sei se é da aproximação do milénio ou se é por causa de algum momento de crise que se esteja a viver, as crianças abordaram temas com mais confiança na vida no primeiro congresso do que no segundo.

De resto, tanto no 1º como no 2º congresso, abrimos logo a todas as instituições, a todas as crianças, de todos os meios e lutámos por isso. Como sócia fundadora do IAC, tive sempre carinho e interesse por todos os programas, todos os projectos que atendam a criança, e por isso tenho seguido sempre com grande carinho aquilo que se faz. E penso que uma coisa que tem de estar bem vincada nas

FLECTIR



SESSÃO COMEMORATIVA DOS 10 ANOS DO IAC, 1993.

mentalidades é que ninguém pode fazer nada sozinho, cada vez mais tem de haver um trabalho de equipa, de conjunto, de interacção. É uma palavra que está muito na moda, porque é hoje muito necessária. Sem interacção não se faz nada, se cada um tratar do seu prestígio próprio e da sua vida, construirá muito pouco.

Por outro lado, uma das conclusões dos congressos é que não há crianças de primeira nem de segunda e seja qual for a escola onde elas estejam, há a mesma vivacidade, a mesma potencialidade. Acho também que é muito importante ensinar os adultos. Pensar uma escola de elites, em que sentido? em que grau? em que perspectiva de elite? E, de facto, o congresso demonstrou isso: um nivelamento, por cima, das crianças. Todas as crianças foram maravilhosas. Nem todas tinham a mesma possibilidade de se preparar, no entanto, aquelas que não foram tão bem preparadas, ao pé das outras, fizeram um papel igual.

Considero que é importante que as crianças de vários níveis socioeconómicos interajam, de forma a verem que são todas iguais. Nos Jardins-Escolas é assim, porque como somos uma instituição parti-

cular de solidariedade social, temos crianças que são carenciadas e há os meninos dos ministros. Aqui estão todos em conjunto, porque a escola tem de ser uma sociedade. Se não tem classes tão distintas é porque as classes se vão esbaltando, mas tem, ainda, diferenças sociais.

A escola não é uma espécie de diagrama, onde nós nos fechamos lá dentro e onde, para lá, já é outro mundo. Eles têm de pensar que o mundo onde vivemos é o mundo onde todos podemos chegar ao contacto com os outros, conversar com os outros, falar com os outros, trocar impressões com os outros. Era este o meu ideal.

Sobre os métodos de ensino na actual geração relativamente à anterior, em que havia aquela ideia de que a professora tinha de transformar os alunos em pequenos homens e pequenas mulheres preparados, hoje constata-se que, na primária, as crianças fazem desenhos e outras coisas para não maçarem os professores. E isto é um crime... É que sem laços de amizade entre os professores e os alunos não se consegue trabalhar. É isso que falta hoje em dia. E faltam os princípios básicos. Alguns professores não se

querem aborrecer e muitos pais, devido à sociedade em que se vive, ligam muito à parte material. E esquecem o resto.

De facto, é sempre preciso inovar e ter novas técnicas, mas é também preciso pensar que a escola é o sítio, por excelência, para aprender, mesmo aprender a aprender. Mas temos que dar a consciência a cada um para que cada um possa pensar por si. Foi o que eu procurei no congresso — mostrar que, para além da escola, cada um tem a comunidade, tem o mundo que o rodeia, tem a família. Aprende-se com todos. Quer dizer, há uma área muito larga que forma e constrói o conhecimento do indivíduo.

[Excertos da entrevista realizada pelas voluntárias das ALC Patrícia Viçoso e Ana Rita Martins.]

NOTA BIOGRÁFICA

Maria da Luz de Deus participou em inúmeros congressos, nacionais e internacionais, tendo levado a nossa presença a todo o mundo. É de realçar a qualidade dos convidados que trouxe a Portugal, para formação dos nossos técnicos (Raimundo Dinello, Bernard Terrisse, Teresa Franco Royo, Gaston Mialaret.

Teve o primeiro contacto com a OMEP-Organização Mundial de Educação Pré-escolar em 1972, tendo, desde então, mantido estreitos contactos, até 1979, ano em que foi presidente da Comissão Nacional.

Foi agraciada (1985) com o Grau de Comendador da Ordem de Instrução Pública e de Grande Oficial da mesma Ordem (1990).

Publicou várias obras de pedagogia, de contos infantis, sobre seu pai, João de Deus Ramos, e a Revisão do Guia da Cartilha Maternal.

Faleceu no dia 8/12/1999.

A FORMAÇÃO ADEQUADA DA EQUIPA DE SAÚDE

EMILIO SALGUEIRO*

Princípio 8 da Carta da Criança Hospitalizada: "A equipa de saúde deve ter a formação adequada para responder às necessidades psicológicas e emocionais das crianças e da família."

A hospitalização de uma criança desencadeia inevitáveis preocupações na criança e na família: insegurança perante a doença, preocupação com os actos médicos ou cirúrgicos que poderão vir a ser necessários; receio pela separação e receio pela vivência de abandono; preocupação com o ambiente hospitalar, tão diferente do de casa, e preocupação com os estranhos que irão ser encontrados; medo da dor e medo de mutilações corporais; inquietação pela evolução da doença, medo da morte e receio do futuro.

A equipa de saúde deve esperar e estar atenta à aparição destes "desempares básicos" e procurar dar-lhes as respostas ajustadas: se for capaz de fazer o esforço de se imaginar na pele de cada criança e na pele de cada família, encontrará o que dizer, o que fazer. Isto não significa que a equipa tenha de sentir o sofrimento das crianças e dos pais com a mesma intensidade



com que eles o sentem. Tem de haver uma inevitável redução na intensidade do sentido, espécie de "deformação profissional autoprotectora", que permite intervir com serenidade e segurança, mesmo perante situações de dramatismo perturbador, como as que podem surgir num serviço de urgência.

Esta redução na sensibilidade não pode, no entanto, transformar-se em insensibilidade, ou, por vezes, mesmo, em atitudes e práticas agressivas, que os técnicos de equipa se possam sentir tentados a assumir, para neutralizarem a sua própria angústia, ou sentimento de impotência, perante situações complexas.

Terá que haver da parte dos técnicos uma compreensão pelos

sentimentos e necessidades das crianças e dos pais, como será bom que haja também a situação inversa, de compreensão, sobretudo da parte dos pais, pela posição e pelas necessidades dos técnicos. No entanto, e em última análise, os técnicos têm, sempre, uma obrigação aumentada de compreensão.

A equipa técnica deve reunir-se, com regularidade, para os seus membros poderem partilhar as suas experiências e dificuldades buscando, em comum, soluções para os impasses encontrados.

Por sua vez, os pais também poderiam reunir-se com os pais de outras crianças hospitalizadas, para partilharem preocupações, aliviarem sofrimentos e poderem adquirir uma visão realista do que podem esperar e devem exigir dos técnicos. Desta compreensão mútua aumentada derivarão benefícios evidentes para as crianças hospitalizadas.

* Pedopsiquiatra da Faculdade de Medicina de Lisboa, membro do Conselho Consultivo do Sector de Humanização dos Serviços de Atendimento à Criança do IAC.

ACTIVIDADE LÚDICA

7ª UNIVERSIDADE DE VERÃO DE LUDOTECÁRIOS

O sector de Actividade Lúdica do IAC esteve em Parthenay, em França, de 17 a 21 de julho, na 7ª Universidade de Verão de Ludotecários. Natália Pais e Leonor Santos tiveram oportunidade de partilhar experiências com outros países, assistir a conferências e participar em ateliers. "O Jogo e o Adolescente"; "Multimédia e Jogo"; "Jogo e Aprendizagem"; "As Comunidades Lúdicas em Rede"; "Criação de uma Rede de Ludotecas na Internet" foram alguns dos

temas abordados na edição deste ano da Universidade de Verão, organizada pela Associação de Ludotecas Francesas.

De entre as acções de formação, "Reduzir, Reciclar, Reutilizar — Uma forma de brincar" foi o tema de uma delas, realizada de 26 a 28 de Setembro de 2000. Deolinda Saragoça e Manuela Gama foram as orientadoras desta acção, que teve como principal objectivo a reciclagem do papel.

Incentivar e desenvolver ap-

tes e perícias manuais; estimular a criatividade; transmitir novas ideias, de uma forma lúdica e atraente; articular formas de expressões a partir de situações lúdicas, foram alguns dos objectivos que permitiram aos participantes contruir fantoches, produzir pasta de papel, fabricar objectos simples através da reutilização do papel.

Em Outubro, Manuela Hasse vai orientar a acção de formação "Brincar hoje com brinquedos de ontem".

ESTAMOS DE FÉRIAS!

Férias é uma palavra que desperta, a todos nós, um sentimento de alegria. Para as crianças tem um significado ainda mais especial: não há escola e pode-se brincar o dia todo.

Como acontece todos os anos, chegados aos meses de Verão, organizam-se vários espaços de férias, fins-de-semana, passeios, etc. E embora seja uma altura em que as equipas ficam extenuadas, estes momentos são essenciais para trabalhar uma série de questões que os técnicos já levam “na manga”. Consoante a idade e as características predominantes do grupo, são abordados diversos assuntos, tais como a motivação para o novo ano escolar.

As crianças encontraram-se em várias zonas do país, desde Rio

Maior ao Getez, Círculo e Badajoz.

SEGURANÇA URBANA

O Projecto Rua é parceiro do Fórum Europeu para a Segurança Urbana, no projecto “Secucités — Insertion des Enfants”. Este projecto irá tentar identificar na União Europeia as razões que conduzem ao fenómeno da exclusão social, assim como identificar exemplos de boas práticas no combate a esta problemática. Nos dias 9 e 10 de Outubro decorrerá



um encontro em Lisboa, no Auditório Natalia Correia, no Bairro Pe. Cruz.

A EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA HOJE UM PROJECTO DE CIDADANIA

Falar hoje da importância da Educação de Infância* é reconhecer o direito que qualquer criança — independentemente da sua origem social ou económica, étnica ou cultural, do seu sexo ou de possíveis necessidades educativas especiais — tem a um atendimento de qualidade**, nomeadamente durante os primeiros anos da sua vida. Sabemos serem esses os anos decisivos para o seu desenvolvimento futuro, na construção, aqui e agora, de uma personalidade feliz, curiosa, aberta aos outros... e ao melhor que tem de si própria.

Falar hoje de educação de infância é reconhecer uma responsabilidade de toda a sociedade e não apenas uma responsabilidade da(s) família(s) ou do Estado. Assim, falar no direito à educação de infância é assumir um projecto de cidadania democrática, numa Europa de direitos não apenas económicos, mas — e sobretudo! — de direitos soci-

ais e culturais. É assumir que as questões da qualidade de educação de infância (para todos!) implicam uma regulação por parte do Estado e da sociedade civil, pressupondo uma intervenção precoce. Convidam a que aprendamos todos — Mulheres e Homens — a conciliar a vida profissional e a vida familiar pessoal, de forma a garantirmos uma infância feliz, com sentido e estimulante sob o ponto de vista social, emocional e intelectual às crianças de que somos responsáveis. Uma infância onde se aprendam as “cem linguagens” que nos permitirão conhecer o mundo (Malaguzzi), uma infância que possa contar com adultos disponíveis e atentos.

Neste Boletim do IAC, uma palavra de especial respeito, ternura e saudade para uma das pioneiras da educação de infância no nosso país, Maria da Luz de Deus Ramos: uma Mulher que, através de uma vida inteira ao serviço da infância,

soube dar às crianças portuguesas “o melhor de si própria”, garantindo que, pela sua mão, se começasse a tornar acto a aplicação da Convenção Internacional dos Direitos da Criança no nosso país.

TERESA VASCONCELOS

* Permito-me utilizar a terminologia mais ampla “Educação de Infância” (0-8 anos), à qual, para mim, engloba a educação pré-escolar (3-6 anos), mas abrange ainda a educação a partir dos 0 anos até aos primeiros anos da escolaridade obrigatória, seja em modelos formais de atendimento, seja em modelos informais.

** A palavra “qualidade”, hoje tão vulgarizada, é um construto cultural e social. No entanto, a investigação em Ciências da Educação tem-nos proporcionado parâmetros que, ajustados e contextualizados, podem apontar para aquilo que um determinado grupo social (neste caso, a sociedade portuguesa) pretende para as suas crianças. Ver, sobre esta matéria, as perspectivas de educação comparada de Martin Woodhead (Reino Unido).

Em Junho, Manuel Coutinho participou no programa Hora Viva, da RTP 1, no dia 1; foi entrevistado por Luís Oliveira, para a revista "Visão", sobre "Medos dos Pais", no dia 8, e para a revista "Máxima", no dia 27, por Pilar Diogo, sobre "a mentira".

No dia 5 de Junho, Maria João Malho, das Acções de Ligação à Comunidade, participou no seminário "A saúde e o comportamento dos jovens portugueses", no Hotel Altis, em Lisboa.

No final do mês de Junho encerraram as actividades desenvolvidas pelos voluntários enquadrados pelas Acções de Ligação à Comunidade no ano lectivo de 1999/2000.

Na Tapada da Ajuda, no final do ano lectivo de 1999/2000, realizou-se, num espaço cedido pelo Instituto Superior de Agronomia, uma animadíssima festa da "Turminha dos Aventureiros", promovida pelo projecto "Crescer em Comunidade", que contou com a participação de mais de 400 crianças de algumas escolas do ensino básico da Ajuda. A festa constou de danças, canções, teatro e piquenique.

Sónia Valente participou no encontro "RMC 3 anos de generalização — um balanço de reflexão", no dia 1 de Julho, no Fórum Lisboa. Organizado pelo CRSS e Vale do Tejo, o encontro pretendeu promover o debate sobre as competências das CLAS e a reflexão sobre medidas e suas aplicações, bem como a análise de alguns resultados obtidos na subregião de Lisboa.

No passado dia 5 de Julho, Tiago Velez e Sónia Valente participaram no encontro "A saúde e o comportamento dos jovens portugueses", que decorreu no Hotel Altis Park, em Lisboa. Este encontro, organizado pelo Ministério da Saúde, no âmbito do Plano para Eliminação da Exploração do Trabalho Infantil (PECTI), teve como principais objectivos o debate de modelos de intervenção que contribuam para a melhoria do bem-estar e saúde dos jovens portugueses e a divulgação do resultado de dois estudos realizados junto dos jovens portugueses.

Manuel Coutinho voltou ao Hora Viva, no dia 10, para ser entrevistado por Susana Gonçalves, sobre "Crianças abandonadas".

Na Escola 2+3 Paula Vicente, decorreu, no dia 11 de Julho, a sessão de encerramento de actividades do Projecto Literatura e Literacia, ano lectivo 1999/2000, tendo estado presente como convidada Maria João Malho.

O Instituto Português da Juventude e o PECTI convidaram o Projecto Rua para estar presente na cerimónia de apresentação da assinatura do protocolo conjunto no âmbito do qual se irá realizar o concurso "Há um tempo para aprender" — concurso pela prevenção da exploração do trabalho infantil. Este evento realizou-se na Associação Moimho da Juventude, no passado dia 17 de Julho e no qual esteve presente o animador Mário Martins.

No dia 20 de Julho, Maria Odete Rocha, do SOS-Criança, esteve presente num seminário de tra-

balho realizado pelo Observatório do Emprego e Formação Profissional, no Hotel Altis, com a seguinte programação: "Saída prematura do sistema educativo — aspectos da situação, causas e perspectivas em termos de emprego e formação".

No dia 27 de Julho, a educadora Rosário Costa foi entrevistada sobre o SOS-Criança para o "Correio da Manhã", sobre "Linhas telefónicas".

Joana de Barros Baptista, sócia fundadora do IAC, tomou posse, no dia 21 de Setembro, no Ministério do Trabalho e da Solidariedade, como presidente da Comissão Nacional de Família, recentemente criada. Na cerimónia esteve presente Manuela Eanes.

ENCONTRO SOBRE A DOR EM NOVEMBRO

Nos dias 27 e 28 de Novembro de 2000, vai realizar-se o encontro "A dor é sempre que dói", uma iniciativa do Sector de Humanização dos Serviços de Atendimento à Criança, que conta com a participação de especialistas nacionais e internacionais. O Auditório 2 da Fundação Gulbenkian é o local escolhido para este encontro, cujo objectivo é fazer uma avaliação informal das

atitudes e comportamentos actuais perante a dor na criança e procurar consensos quanto ao comportamento a adoptar. Avaliar as reais dificuldades no tratamento da dor global e definir metas que permitam a humanização dos cuidados da criança doente, para além dos limites físicos das instituições de saúde, faz ainda parte do encontro, tendo em conta que a negação da dor na criança é uma postura ancestral ainda não abandonada. Provam-na inúmeros testemunhos e os procedimentos usados por quem tem o dever, se não profissional, pelo menos ético, de controlar a dor. É porque "a dor é sempre que dói", importa saber o que se pode e deve fazer no tratamento da "dor global", a dor que envolve uma criança com doença crónica e/ou terminal e suas famílias. E também do que é que a sociedade do século XX dispõe para apoio dessas crianças em todas as suas vertentes.

